

Inserção sociolinguística de migrantes de outras regiões do Estado do Rio Grande do Sul na cidade de Bento Gonçalves - RS: preconceito e estigma

Inserción sociolingüística de migrantes de otras regiones del Estado do Rio Grande do Sul en la ciudad de Bento Gonçalves - RS: prejuicio y estigma

Karina Aparecida Oliveira da Silveira¹
Kleber Eckert²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a inserção sociolinguística de migrantes de outras regiões do Rio Grande do Sul na cidade de Bento Gonçalves - RS e analisar se há preconceito linguístico. A metodologia de pesquisa se deu por meio de entrevistas individuais com migrantes oriundos da região metropolitana e do interior do estado, seguidas de análise qualitativa e quantitativa dos dados obtidos. Esses dados foram analisados e relacionados com estudos referentes aos conceitos de variação, preconceito e estigma linguísticos. O aporte teórico baseou-se, principalmente, em estudos de Bagno (2003), Faraco (2008), Faggion (2005) e Moraes (2009). Entre os resultados, constatou-se que há avaliações positivas e negativas do jeito de falar dos migrantes: pessoas da região metropolitana têm sua variedade linguística mais prestigiada do que pessoas oriundas do interior do estado. Além disso, o R retroflexo em final de sílaba indicou uma variante estigmatizada.

Palavras-chave: Sociolinguística. Preconceito e estigma linguístico. Bento Gonçalves – RS.

Resumen

El objetivo de este texto es reflexionar acerca de la inserción sociolingüística de migrantes de otras zonas del estado de Rio Grande do Sul en la ciudad de Bento Gonçalves – RS y analizar si hay prejuicio lingüístico. La metodología adoptada se dio a través de entrevistas individuales con migrantes provenientes de otras regiones, como la metropolitana y las del interior del estado; después se hizo un análisis cualitativo y cuantitativo de los datos emergentes de las entrevistas. Se analizaron los datos basándolos y relacionándolos con otros estudios respecto a los conceptos de variación, prejuicio y estigma lingüísticos. La base teórica se dio, principalmente, con los estudios de Bagno (2003), Faraco (2008), Faggion (2005) y Moraes (2009). Los resultados mostraron que hay evaluaciones positivas y negativas sobre la manera como hablan los migrantes: el habla de personas de la región metropolitana es más prestigiado que el habla de los que vinieron del interior del estado. Además de eso, la R retrofleja al final de sílaba se mostró una variante estigmatizada.

Palabras clave: Sociolingüística. Prejuicio y estigma lingüísticos. Bento Gonçalves – RS.

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS *Campus* Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, RS, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0123-5819> E-mail: karinadasilveira14@gmail.com

² Doutor em Letras. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS *Campus* Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, RS, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6436-1193> E-mail: kleber.eckert@bento.ifrs.edu.br

1 Considerações iniciais

A Serra Gaúcha é uma das regiões do estado do Rio Grande do Sul que mais recebe migrantes oriundos de outras cidades, seja do norte do estado, seja da região da campanha. O município de Bento Gonçalves, pertencente a essa região, é conhecido pelas suas belezas naturais, seu desenvolvimento econômico e pelo progresso constante. Essas características atraem novos moradores em busca de qualidade de vida e crescimento profissional. As pessoas que mudam de região se deparam com diferenças de costumes, hábitos, maneiras de agir e de falar.

Nessa perspectiva, o tema do presente trabalho está relacionado às diferenças do modo de falar. Bagno (2003, p. 48) explica que “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares”. Dessa forma, entende-se que cada comunidade de fala tem seu jeito próprio de usar a língua, de pronunciar palavras e produzir sentenças. Esse “jeito próprio”, segundo o autor, é um fenômeno chamado de variação.

A partir da premissa acima, a presente pesquisa buscou refletir sobre a inserção sociolinguística de migrantes de outras regiões do Rio Grande do Sul na cidade de Bento Gonçalves - RS e analisar se há preconceito linguístico; verificar quais são as perspectivas dos migrantes em relação a como seu modo de falar é visto em Bento Gonçalves e como eles veem o jeito de falar bento-gonçalvense; aprofundar a reflexão sobre o estigma e o preconceito linguístico. Além disso, este estudo procurou refletir sobre variação linguística; analisar as diferentes manifestações de preconceito linguístico; e contribuir para os estudos sociolinguísticos regionais.

De acordo com Bagno (2005, p. 48): “O preconceito parece ser algo inerente ao ser humano que vive em sociedade”. Ou seja, tal fenômeno está diretamente relacionado às pessoas em interação social. O preconceito se refere às diferentes concepções que cada indivíduo tem em relação ao seu âmbito de convivência e, apesar de ser algo inato da coletividade, tende a ser prejudicial. Bagno (2003) salienta que muitas pessoas deixam de usufruir de seus direitos enquanto cidadãos por sofrerem preconceito linguístico.

Nesse sentido, as pesquisas relacionadas ao tema ajudam a dissipar o mito do modo de falar ideal. Com o estudo, foi possível entender questões relacionadas ao preconceito e ao estigma linguísticos através de entrevistas feitas com migrantes. Na ocasião, os entrevistados foram instigados a esclarecer como se deu a experiência de inserção sociolinguística na nova região. A relevância desta pesquisa, portanto, recai sobre a possibilidade de contribuição para os estudos sociolinguísticos regionais.

2 Conceitos que nortearam a pesquisa

2.1 Sociolinguística

A linguista Maria Cecília Mollica define Sociolinguística como “uma das subáreas da linguística que estuda a língua em uso no seio da comunidade da fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que relaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2004, p. 8). Coelho et al. (2019, p.12) concordam ao afirmarem que a Sociolinguística estuda a relação que existe entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. Nesse sentido, entende-se que essa ciência está inserida em um espaço interdisciplinar, pois abrange questões relativas à língua e à sociedade.

Enquanto a Linguística é mais abrangente, a Sociolinguística é mais específica, pois considera a importância social da linguagem dos pequenos grupos socioculturais (MOLLICA, 2004, p. 10). Em se tratando de pesquisa da área da Sociolinguística, Morais (2009, p. 27) afirma que prioriza “a possibilidade de sistematizar a heterogeneidade encontrada nos diferentes ambientes em que a linguagem é observada”. Diante disso, Mollica (2004) defende que a Sociolinguística só existe devido ao fenômeno da diversidade linguística, pois se todas as pessoas falassem de modo idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade.

A respeito das áreas de estudo da Sociolinguística, Mollica (2004, p.10) afirma que são muitas, entre elas estão: contato entre outras línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança. O tema referente à variação, em que se estudam o preconceito e o estigma linguísticos, será abordado detalhadamente no próximo subtópico.

2.2 Variação linguística

Bago (2003, p. 48) afirma que “em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”. Nesse sentido, compreende-se a variação linguística como um fenômeno que presume a existência de formas distintas de se falar uma mesma língua. Em concordância, Faraco reitera o caráter heterogêneo da língua:

O que acontece é que [...] não existe língua para além ou acima do conjunto de suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto de variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea (FARACO, 2008, p. 31).

A partir dessas reflexões, em sua pesquisa, Morais (2009) retoma a questão social presente na variação linguística: “[...] o modo de falar diz muito sobre a pessoa que fala, como também representa o modo de fala de sua comunidade” (MORAIS, 2009, p. 30). À vista disso, entende-se que fazer uso da linguagem abrange compartilhar de princípios linguísticos e sociais simultaneamente.

Silva (2017) elenca os fatores sociais que devem ser considerados em uma análise linguística: “região geográfica, faixa etária, gênero (masculino, feminino, neutro), estilo (formal, não formal), grau de instrução, classe social.” (SILVA, 2017, p. 14). De maneira mais aprofundada, Bagno (2007) discorre sobre as classificações da variação linguística e os fatores que ocasionam cada uma delas. Dentre elas, está a variação diatópica, que tem relação com as diferenças do modo de falar de lugares distintos. Pode haver contraste entre estados; diferentes regiões de um mesmo estado; zona rural e zona urbana ou, até mesmo, área central e área periférica de uma mesma cidade. Há, também, a variação diastrática, que ocorre na comparação entre modos de falar dos diferentes grupos sociais. Pessoas escolarizadas, por exemplo, falam de maneira diferente das pessoas que não tiveram acesso à educação formal (BAGNO, 2007, p. 46).

Além das classificações elencadas acima, Bagno destaca a variação diacrônica e a diafásica. A primeira se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. As línguas mudam com o tempo: por exemplo, o português falado atualmente é diferente do português falado há um século. Já a segunda, a variação diafásica, tem um teor estilístico. Ela se relaciona com a escolha de palavras que cada indivíduo faz, dependendo do grau de monitoramento, ou seja, de acordo com a situação em que o falante se encontra, pode falar de uma maneira mais formal ou mais informal (BAGNO, 2007, p. 47).

É importante ressaltar que a variação linguística pode ser ocasionada por vários fatores e por mais de um fator ao mesmo tempo. Do ponto de vista científico, todas as manifestações linguísticas são legítimas (MOLLICA, 2004, p. 13). Apesar disso, os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social, que pode ser positiva ou negativa. Essa questão será desenvolvida no próximo subtópico intitulado: “Preconceito e Estigma Linguístico”.

2.3 Preconceito e Estigma Linguístico

Bagno (2007, p. 59) ressalta que a variação linguística ocasiona consequências sociais, culturais e ideológicas nas comunidades. Tais consequências podem apresentar efeitos negativos. Isso acontece porque a variação prevê uma espécie de juízo de valor, uma avaliação. Ocorre que essa avaliação é

essencialmente social, ou seja, a língua não é levada em consideração, mas, sim, a pessoa que faz uso dela. Em outras palavras: quanto mais alto a pessoa estiver na escala socioeconômica, mais prestígio será atribuído à sua maneira de falar. O inverso também acontece: o menor prestígio social de um grupo de falantes acarreta na visão pejorativa do seu modo de falar, que pode ser entendida como estigma linguístico (BAGNO, 2007, p. 76-77).

A partir de reflexões acima, Faggion (2005, p. 67) conclui que o estigma é um traço que os indivíduos carregam. Esse traço se destaca e pode afastar as pessoas, porque chama a atenção e se sobressai a outros atributos. Os indivíduos que não possuem esse traço são considerados normais perante o grupo de convivência a que pertencem. Dessa forma, com base em ideologias, são capazes de discriminar e reduzir as chances dos estigmatizados em diversas esferas sociais. O estigma é revelado de quatro formas, principalmente:

(a) por um sentimento de inferioridade pela percepção da diferença (com relação à norma, ao “normal”); (b) pela expressão da consciência da inferioridade, localizada em aspectos da fala, de capacidade intelectual ou de instrução; (c) pela referência a fatos (histórico-político-sociais) que agiram como motivação externa para o entendimento da condição de diferença/inferioridade; e (d) pela referência a características adquiridas/manifestadas como consequência do estigma. (FROSI, FRAGGION e DAL CORNO, 2007, p.11)

Como consequência disso, surge a ideia do preconceito, que é uma atitude negativa, por parte de um indivíduo, para com outro indivíduo ou grupo. Por esse motivo, o preconceito reside na pessoa que o pratica. Em contrapartida, o estigma mora naquele que é alvo do preconceito de outros. Nesse sentido, ressalta-se que preconceito e estigma são duas faces de uma mesma moeda, mas não são sinônimos. (FROSI, FRAGGION e DAL CORNO, 2007, p. 6).

Paralelamente, Bagno (2003, p. 38) argumenta que o preconceito linguístico se baseia na crença de que existe somente uma forma digna de usar a língua. Essa maneira de pensar é alheia às possibilidades de variação. Nesse sentido, entende-se que os falantes que usam uma variedade linguística estigmatizada podem sofrer preconceito ao interagir com falantes que fazem uso de outra variedade da mesma língua.

O preconceito linguístico é extremamente prejudicial, pois gera muitos transtornos nos indivíduos afetados. De acordo com Bagno (2003, p.17), muitas vezes, os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas, com o intuito de evitar os aborrecimentos gerados pelo preconceito, deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito. Ou seja, o preconceito linguístico é capaz de impedir que as pessoas exerçam a cidadania. Mollica (2004, p. 13) destaca que os estudos sociolinguísticos ajudam a destruir preconceitos linguísticos e a relativizar a concepção de certo e errado.

2.4 Bento Gonçalves na perspectiva sociolinguística

A cidade de Bento Gonçalves, comunidade de fala onde os dados da pesquisa foram coletados, pertence à região da Serra Gaúcha e se localiza na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, como pode ser observado na figura 1. O município possui 131 anos de emancipação e conta com uma população de, aproximadamente, 123.090 habitantes. Parte desse número de habitantes é de pessoas oriundas de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul que migraram para a cidade, motivadas por questões econômicas. Segundo Misturini (2014, p. 46),

Bento Gonçalves é um importante polo industrial e turístico da Serra Gaúcha, situada entre as 10 maiores economias do Rio Grande do Sul [...] Conhecida como Capital Brasileira da Uva e do Vinho, é a cidade pioneira como destino enoturístico do país.

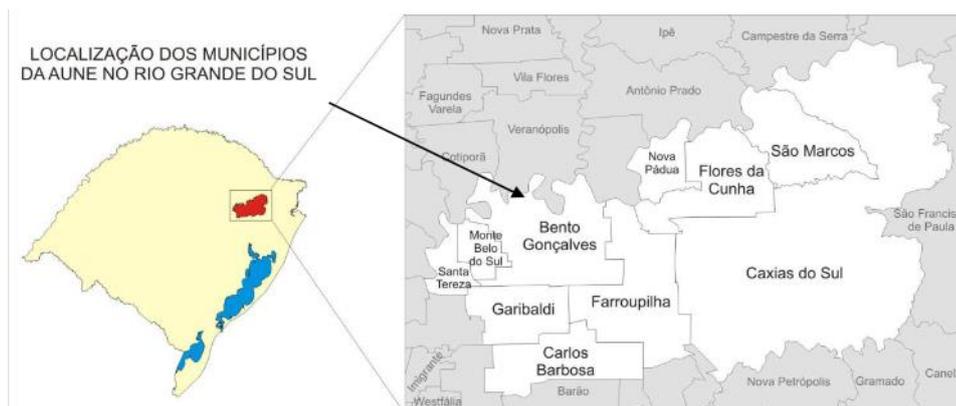


Figura 1. Localização de Bento Gonçalves junto aos municípios vizinhos
Fonte: IBGE (2001); HASENACK et al. (2007 apud BOGO, J; DURANTI, R. R.; AHLERT, S. 2008)

Uma característica importante da cidade de Bento Gonçalves, pertencente à região da Serra Gaúcha, é a imigração italiana. Junto com a imigração vieram alguns traços culturais, dentre eles: hábitos, costumes, músicas e a própria Língua Italiana com seus diferentes dialetos.

Conforme Battisti (2014), o estado do Rio Grande do Sul foi um dos destinos escolhidos pelos imigrantes europeus que chegaram ao Brasil no século XIX. Muitas dessas pessoas eram imigrantes alemães, que se estabeleceram no Vale do Rio dos Sinos e imigrantes italianos que se estabeleceram na Serra Gaúcha. Os novos moradores impulsionaram o contato da Língua Portuguesa com os dialetos alemães e italianos falados por eles. Esse fator gerou bilinguismo, situação que perdura até os dias atuais em algumas comunidades.

Segundo Misturini (2014, p.45), após o assentamento dos imigrantes italianos, a cidade passou a se desenvolver. O progresso, que é outra característica marcante da cidade, foi impulsionado pela implantação do Banco Nacional do Comércio e do Banco de Pelotas. A partir disso, houve a instalação de luz elétrica e a inauguração do Hospital Dr. Bartholomeu Tacchini. Inicialmente, as principais atividades do município estavam ligadas à agricultura. Com o passar do tempo, ocorreu o surgimento de indústrias de móveis e vinícolas, além das primeiras edições da Fenavinho (Festa Nacional do Vinho). Em consequência disso, o município, que passou a ganhar destaque nacional e internacional, começou a exportar seus vinhos e a receber visitantes de todo o mundo.

De acordo com o website da prefeitura municipal de Bento Gonçalves, “a cidade é um polo moveleiro e vitivinícola conhecido nacional e internacionalmente. Dentro do segmento indústria, o setor moveleiro é a grande força da economia” (BENTO GONÇALVES, 2022). O amplo desenvolvimento econômico da cidade ocasionou a geração de empregos. Esse fator foi o principal responsável por impulsionar a movimentação de pessoas oriundas de outras cidades que escolheram Bento Gonçalves para trabalhar e viver. Os novos moradores, por sua vez, do mesmo modo como aconteceu outrora com os imigrantes italianos, portaram consigo os hábitos culturais e as variedades linguísticas das comunidades de onde se originaram.

3 Metodologia

Esta pesquisa pode ser classificada como exploratória. Segundo Gil (2002, p. 41) “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. O autor ainda afirma que o principal objetivo dessas pesquisas é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Para a realização da pesquisa, foi utilizado o método Levantamento de Campo. De acordo com Gil (2002, p. 50), a pesquisa com esse método caracteriza-se pela interrogação direta de pessoas acerca do tema a ser estudado.

A coleta de informações se deu por meio de entrevistas individuais. Os participantes da entrevista são pessoas que, atualmente, residem na cidade de Bento Gonçalves - RS, mas que são oriundos de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul.

A escolha dos participantes se deu por região de origem. Foram entrevistadas quatro pessoas nascidas na região metropolitana de Porto Alegre. Dessas, duas pessoas são do gênero feminino e duas são do gênero masculino. Além disso, foram entrevistadas quatro pessoas nascidas em outras diferentes

regiões do estado. Dessas, duas são do gênero feminino e duas são do gênero masculino. As variáveis idade, escolaridade e profissão não foram levadas em consideração nesta pesquisa.

A disposição dos entrevistados se deu de acordo com o quadro abaixo:

	Região Metropolitana	Outras Regiões
Gênero Feminino	2	2
Gênero Masculino	2	2
Total	4	4

Quadro 1. Disposição das pessoas entrevistadas
Fonte: Dados da pesquisa

Com relação à escolha dos participantes, alguns dos selecionados são conhecidos da pesquisadora, enquanto outros foram indicados pelo orientador. Eles foram convidados a realizar a entrevista por meio de uma conversa informal. Foi marcada uma data e um horário para que houvesse um encontro individual entre a entrevistadora e cada um dos entrevistados. No momento combinado, antes da entrevista começar, a entrevistadora leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esse documento garante aos participantes da pesquisa o respeito aos seus direitos. Eles foram informados que a entrevista seria gravada e que poderiam interromper a participação a qualquer momento. O documento foi assinado pelos entrevistados, que ficaram com uma cópia. Após o consentimento do participante, o gravador de voz foi ligado e a entrevista começou.

O principal objetivo da entrevista é coletar informações sobre as perspectivas dos migrantes em relação a como seu modo de falar é visto em Bento Gonçalves e como eles veem o jeito de falar bento-gonçalvese. As perguntas foram semiestruturadas, ou seja, elas puderam sofrer alterações durante a entrevista. A disposição das perguntas encontra-se no anexo A.

As entrevistas foram gravadas e transcritas com o cuidado de preservar as particularidades de fala dos participantes. Paiva (2004, p. 136) defende a importância de manter os dados orais dos falantes no momento da transcrição: “Queremos registrar o que foi dito por um falante da forma como foi dito. Uma transcrição não é e não pode ser uma edição de fala do entrevistado [...]”.

Após, os dados coletados foram analisados e cruzados com os textos teóricos da área da Sociolinguística. As respostas obtidas foram avaliadas quanto ao teor. Em seguida, foram arquivadas e quantificadas de acordo com o número de recorrências.

A análise dos dados permitiu entender se as pessoas entrevistadas, que migraram para a cidade de Bento Gonçalves, sofrem ou sofreram preconceito pelo seu modo de falar, o que pode se caracterizar como um estigma linguístico. Para chegar em tal resultado, foi relevante utilizar a pesquisa quantitativa em conjunto com a qualitativa. Para Goldenberg (1999, p. 62), uma combinação de pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador cruze suas conclusões e tenha maior credibilidade em relação à origem dos seus dados, pois eles não resultarão de uma situação isolada.

4 Análise de dados

A partir das entrevistas realizadas, alguns tópicos emergiram de forma bastante sistemática, seja nos entrevistados oriundos da região metropolitana, seja dos do interior do estado. O primeiro tema é a questão do sotaque, percebido em todas as oito entrevistas. Quando os participantes foram perguntados se as pessoas de Bento Gonçalves já questionaram se eles apresentavam sotaque, 100% respondeu que sim, como no trecho a seguir: “muito, no começo as pessoas riam bastante do meu sotaque”.

Para Trask (2004, p. 281), o “sotaque é um modo particular de pronunciar uma língua. [...] cada tipo distinto de pronúncia é chamado de sotaque”. A respeito desse assunto, Bagno (2017, p. 443) afirma que os sotaques são as manifestações mais imediatas da identidade dos falantes. Quando falam, as pessoas exibem traços característicos da sua variedade linguística, de sua região e de sua classe social. A afirmação de Bagno vai ao encontro de uma das respostas obtidas nas entrevistas, em que o participante, natural da região metropolitana, comenta sobre o seu sotaque ser notado pelas pessoas de Bento Gonçalves: “percebem que não sou daqui rapidamente”, ou seja, os habitantes da cidade já observaram traços no seu jeito de falar e indagaram a respeito do local de naturalidade, em função da diferença de sotaque.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o sotaque está relacionado com a dimensão diatópica da variação linguística, que se verifica, no uso da língua, conforme a localização geográfica dos falantes (BAGNO, 2017, p. 89). No caso da cidade de Bento Gonçalves, é possível que as pessoas pronunciem as mesmas palavras de maneiras distintas, apesar de habitarem o mesmo território. Um fator que impulsiona esse acontecimento é a migração de outras regiões. Essa é uma característica presente na cidade pesquisada, visto que é conhecida como um importante polo industrial e turístico, que atrai muitos trabalhadores em busca de melhores condições de vida.

Os migrantes que participaram da pesquisa também foram questionados se as pessoas da cidade de Bento Gonçalves apresentavam sotaque. As respostas foram unânimes: todos os oito

entrevistados responderam que sim. Um fator interessante é que juntamente com algumas respostas afirmativas, vieram os comentários como: “sim, bem forte”; “o sotaque é bem forte, principalmente essa questão do R”; “eu ouço um sotaque muito forte, E bem marcado leitE quentE”. Com esses dados, é possível afirmar que a percepção em relação ao sotaque é uma via de mão dupla, os migrantes tanto notam quanto tem seu sotaque notado em situações de comunicação na cidade em que a pesquisa foi realizada.

Durante as entrevistas, fizeram-se perguntas sobre como os participantes avaliavam o jeito de falar das pessoas da cidade de Bento Gonçalves e sobre como o modo com que eles falam é visto na região. A partir das respostas, percebeu-se que é algo mútuo. Eles avaliam o jeito de falar das pessoas da cidade e sentem que seu jeito de falar é avaliado de maneira positiva, negativa e neutra. Esses tópicos serão desenvolvidos na sequência.

Uma pequena parte dos participantes oriundos de ambas as regiões manifestou neutralidade na resposta em relação à qual variedade consideram mais correta de se usar. “Bem difícil fazer juízo de valor, porque cada um tem um jeito de falar.”; “Não creio que há certo e errado, é uma construção cultural.”; “Eu acho que é diferente em toda região aqui da Serra pela influência da imigração italiana, então eu avalio que é diferente das outras regiões por conta da questão da colonização. [...] é cultural.”

Nos dois grupos de pesquisados, há casos em que os participantes responderam que avaliam de forma positiva o jeito de falar das pessoas da cidade de Bento Gonçalves, como nos trechos a seguir: “Acho bonito, todo sotaque é bonito.”; “Acho tranquilo”. Quando questionados a respeito de qual é a maneira mais correta de falar, no entanto, os mesmos entrevistados responderam que é a sua: “Eu escolheria a minha forma [...] justamente por essa questão do R: pronúncia correta, carro, morro, serra [...] eles falam caro, moro, sera (R tepe).”; “Se for falar em português, acho que a minha forma é a mais correta. Acho que nós construímos as frases de forma mais coerente e clara, aqui a coisa é meio solta. [...] Por exemplo, “leva pra mim” às vezes deveria ser “traz”. Ou então “perguntar” usam o “pedir”: “pede pra ele se ele vai lá em casa”. Esses dados remetem à questão do estigma linguístico, que, segundo Bagno (2017, p. 122), ocorre com as “variedades que não correspondem aos usos das camadas sociais dominantes e/ou se distanciam das prescrições normativas tradicionais”.

A questão da troca da palavra “trazer” por “levar” e “perguntar” por “pedir” emergiu em mais de uma entrevista. Quando perguntados se já aconteceu de não entenderem alguma palavra ou expressão falada pelas pessoas da cidade, dois participantes do interior do estado responderam com os seguintes exemplos: “[...] usar, por exemplo, o verbo “pedir” que eles usam aqui na região como “perguntar” agora eu já incorporei, no meu vocabulário isso já sai naturalmente. Eu utilizava no pedir por favor, no fazer o

pedido em relação ao outro, pedir alguma coisa, e não a perguntar [...]. Por exemplo, eu quero saber onde tá o cachorro, aí vai dizer assim: “Vai lá e pede pra Mariana!” ao invés de “Pergunta pra Mariana!”; “[...] no lugar de falar pra trazer o documento, eles dizem: leva o documento. Já tava no local, eu não sabia o que fazer.”

A maior parte do grupo de entrevistados da região metropolitana afirmou que não se recorda de passar por situações em que as pessoas de Bento Gonçalves avaliassem de maneira pejorativa o seu jeito de falar. Nos trechos a seguir, os participantes responderam se as pessoas da cidade já repetiram de maneira debochada frases ou palavras que eles pronunciaram em uma conversa: “Nunca teve esse tipo de comentário preconceituoso, no geral foi muito tranquilo.”; “Acho que não, talvez alunos brincando, sem maldade.”. É importante ressaltar que essas respostas foram dadas por participantes oriundos da região metropolitana, ou seja, um grande centro urbano. Esse dado está de acordo com as reflexões de Bagno (2003, p. 37) em que ele afirma que moradores das grandes cidades fazem uso da “norma culta da língua”, a variedade usada por falantes urbanos e com alto grau de escolarização. Por esse motivo, são a classe dominante e tendem a ter sua variedade linguística vista com prestígio, fato que, provavelmente, ocorreu com os participantes citados acima.

Por outro lado, um participante natural da região metropolitana informou que já houve momentos em que as pessoas da cidade de Bento Gonçalves repetiram algumas palavras pronunciadas por ele: “Sim. Tarde, noite (tardi), (noiti). Botam um l no final, porque dizem que em Porto Alegre se fala assim.”. Respostas semelhantes foram proferidas pela maioria dos participantes oriundos das cidades do interior do estado: “Sim, não recordo a palavra.”; “Sim. A palavra apagar. Por causa do R (retroflexo).”; “Sim. Uma vez falei que ia cortar o cabelo (R retroflexo) e meus colegas de aula ficaram rindo e repetindo coRtaR.”

Além da menção nas respostas de dois entrevistados naturais de cidades do interior do estado, o tema do *erre* retroflexo surgiu de maneira surpreendente em outra entrevista. O participante, que é natural da região metropolitana, foi indagado a respeito de como avaliava o jeito de falar das pessoas de Bento Gonçalves. Ele respondeu que não faria juízo de valor, porém, em determinado momento, relatou que o *erre* pronunciado na região central do país o incomodava. É importante sinalizar que a informação foi dada sem que houvesse perguntas sobre isso. O *erre* que o participante não gosta de ouvir é o mesmo mencionado no parágrafo anterior, o retroflexo.

A respeito desse assunto, Botassini (2013, p. 94-97) explica que o *erre* retroflexo é produzido pelo levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro. O som gerado por essa articulação é muito semelhante ao som de palavras da língua inglesa como: *car* e *teacher*. Em

algumas regiões do Brasil, é bastante comum a ocorrência dessa variante no final das sílabas. A maioria delas acontecem no interior dos estados de: Minas Gerais; Mato Grosso do Sul; Goiás; São Paulo e em algumas cidades da região Sul do Brasil, onde se situa a cidade de realização da pesquisa.

Sobre as informações acima, é importante que dois fatos sejam observados. Primeiro: o som do *erre* retroflexo é muito semelhante ao som de palavras do inglês, idioma que as pessoas se esforçam e, até mesmo, investem dinheiro para aprender. Segundo: as regiões onde há maior concentração de ocorrências são interioranas, ou seja, não são grandes centros urbanos. A pergunta que fica é: como um som pode ser estigmatizado e prestigiado ao mesmo tempo? Uma afirmação que pode responder a isso é feita por Alkmin (2007, p. 42): “[...] julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social”. Em concordância com a autora, Bagno (2003) defende que o que é levado em consideração não é a língua, mas o falante e a região geográfica onde ele vive, pois do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. O desprestígio do *erre* retroflexo, portanto, está relacionado com a localização geográfica dos falantes que o usam.

Por fim, houve o surgimento de outro dado bastante relevante. Notou-se, em 7 das 8 entrevistas, um fator que chama atenção das pessoas de fora: a menção à religiosidade e citações de blasfêmia. “Blasfêmia é um enunciado ou palavra que insulta a divindade, a religião ou o que é considerado sagrado” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 466). A pesquisadora perguntou se os participantes aprenderam palavras que são usadas na região. Nos trechos a seguir, há algumas respostas: “Sim, sobretudo palavrões. Não vou falar, porque não falo palavrão.”; “Aprendi várias expressões, não necessariamente palavras novas, mais expressões regionais que expressões que remetem ao italiano “porco dio”, “meu chapéu”; “Sim, porco dio.”; “Mais as expressões, as gírias: “camadona”, “codio”.”. Frosi (2012, p. 98) afirma que a blasfêmia é um elemento cultural típico do mundo italiano, apesar de contradizer a fé católica que sempre foi uma característica dos ítalo-brasileiros. Em um quadro, ela lista as principais ocorrências de blasfêmia na região de colonização italiana, à qual a cidade de Bento Gonçalves pertence. Dentre as principais estão o “Pòrco Dìo” e o “Pòrca Madòna”, que seria um xingamento para as figuras de Deus e de Nossa Senhora. Com o intuito de atenuar essa ofensa, as pessoas tendem a usar as variantes que expressam eufemismo como: “Co Dìo”, como foi registrado no relato de alguns participantes.

Desse modo, foi possível perceber que os dois grupos de participantes notam traços no jeito de falar das pessoas de Bento Gonçalves. Além disso, por usarem uma variedade linguística falada nos grandes centros urbanos, os entrevistados da região metropolitana têm seu modo de falar visto com prestígio e não sofrem preconceito linguístico. Por outro lado, os entrevistados que fazem uso do *erre*

retroflexo em final de sílaba têm seu modo de falar estigmatizado e já sofreram preconceito linguístico na cidade de realização da pesquisa.

5 Considerações finais

Diante das reflexões realizadas nos tópicos anteriores, conclui-se que os objetivos da pesquisa foram atingidos, pois foi possível refletir sobre a inserção sociolinguística de migrantes de outras regiões do Rio Grande do Sul na cidade de Bento Gonçalves - RS e analisar se há preconceito linguístico. Além disso, verificou-se quais são as perspectivas dos migrantes em relação a como seu modo de falar é visto em Bento Gonçalves e como eles veem o jeito de falar das pessoas da cidade. A pesquisa é relevante, visto que possibilitou entender questões relacionadas ao preconceito e ao estigma linguísticos através de entrevistas feitas com migrantes, o que resulta em contribuição para os estudos sociolinguísticos regionais.

Nas entrevistas, percebeu-se que os dois grupos de participantes notam traços no jeito de falar das pessoas de Bento Gonçalves. Esses traços possuem relação com a influência dos dialetos do italiano, que são falados na região. Além disso, houve menção à religiosidade e xingamentos que são considerados blasfêmia, traços que possuem relação direta com a cultura italiana ainda preponderante na região estudada. É relevante frisar que esses traços foram mencionados, porém, de modo geral, não houve comentários negativos que permitissem afirmar que os migrantes praticam preconceito linguístico com pessoas de Bento Gonçalves.

Essa mesma questão se mostrou dividida quando analisada de maneira inversa. A maior parte dos migrantes oriundos da Região Metropolitana relatou que nunca passou por situações de constrangimento por causa do seu jeito de falar. À vista disso, é possível afirmar que esse grupo de participantes tem sua variedade linguística prestigiada na cidade de realização da pesquisa, já que fazem uso da norma culta da língua, que é falada nos grandes centros urbanos. Por outro lado, alguns migrantes naturais do interior do estado relataram situações em que se sentiram constrangidos pelas pessoas de Bento Gonçalves caçoarem quando eles pronunciavam palavras com a variante retroflexa da letra R em final de sílaba. Dessa forma, conclui-se que o R retroflexo pode ser considerado um estigma desses falantes, que desencadeia em preconceito linguístico, fato que já aconteceu com alguns dos entrevistados.

Por fim, destaca-se que a presente pesquisa teve uma semente plantada na disciplina de Fonética e Fonologia, logo no início do Curso de Licenciatura em Letras, e que foi germinando na

disciplina de Sociolinguística. Como estudante de Letras, sempre houve a curiosidade e o interesse a respeito da área pesquisada. Por isso, é possível afirmar que este trabalho causou um impacto na vida acadêmica e profissional, uma vez que houve amadurecimento enquanto pesquisadora da língua e como professora. Acredita-se que ensinar Língua Portuguesa vai além da gramática, da leitura e da escrita. A fala é o maior instrumento de comunicação que os seres humanos possuem, por isso, os professores devem ser sensíveis e atentos para questões de preconceito linguístico em sala de aula, de modo a orientarem os alunos a agirem de forma adequada para uma sociedade mais acolhedora acerca das diferenças, especialmente as de fala.

Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BATTISTI, Elisa. Introdução. In: BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa (Orgs.). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2014.
- BENTO GONÇALVES. Secretaria do Turismo. *História do município de Bento Gonçalves*. Bento Gonçalves, 2022.
- BOGO, Jordana.; DURANTI, Raquel Rosa; AHLERT, Siclério. Expansão urbana da aglomeração urbana do nordeste do Rio Grande do Sul no período 1975-2005. In: *Anais do XVIII Encontro Estadual de Geografia*, Bento Gonçalves: AGB, 2008.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2019.
- FAGGION, Carmen Maria. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha. *Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Linguagem da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

FROSI, Vitalina Maria: A blasfêmia: suas interfaces em contexto bilingue. *Domínios de Linguagem*. Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 76–109, 2012.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MISTURINI, Bruno. *A toponímia em Bento Gonçalves: um estudo interdisciplinar sobre os bairros da cidade*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAIS, Caroline de. *Integração linguística e social de migrantes de diferentes regiões em uma nova região*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2009.

PAIVA, Maria da Conceição de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Thais Cristofaro. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

ANEXO A - Disposição das perguntas

1. Há quanto tempo mora em Bento Gonçalves?
2. Em quais cidades residiu antes?
3. Por que veio morar em Bento Gonçalves?
4. Em que lugar trabalha?
5. Em que outros locais já trabalhou e por quanto tempo?
6. Você teve dificuldade em conseguir trabalho aqui?
7. Com quem você convive diariamente?
8. As pessoas com quem você convive são de outras cidades ou de Bento Gonçalves? Se são de outras cidades, quais são elas?
9. Você conversa com pessoas de Bento Gonçalves?
10. As pessoas já te falaram algo como: "Você tem sotaque." ou "Você não é daqui?"
11. Isso te incomoda ou já incomodou?
12. As pessoas já repetiram de maneira "debochada" alguma frase ou palavra que você falou, porque acharam engraçado o teu jeito de falar?
13. Em uma conversa, já aconteceu de as pessoas não entenderem uma palavra ou uma frase que tu tenha falado?
14. O que você mais nota da fala das pessoas daqui?
15. Já aconteceu de você não entender alguma palavra em uma conversas com pessoas daqui?
16. Você acha que as pessoas daqui tem sotaque?
17. Como você avalia o jeito de falar das pessoas daqui?
18. Qual é a maneira de falar que você acha mais correta, a sua ou a das pessoas que são daqui?
19. Aprendeu palavras que são usadas aqui?
20. Tentou falar como as pessoas falam aqui? Por quê? As pessoas notaram?

Data de submissão: 01/03/2023. Data de aprovação: 29/07/2023.